

## CAPÍTULO 6

### AS NOVAS TECNOLOGIAS E O PROFESSOR: COMO MELHORAR ESSA RELAÇÃO?

*Tiago Ribeiro*

Texto editado. A íntegra pode ser encontrada em:

RIBEIRO, Tiago. As novas tecnologias e o professor: como melhorar essa relação? In: MORAES, Marcia (Org.). *Questões da educação*. Rio de Janeiro: iVentura, 2016. p. 115-133.

#### INTRODUÇÃO

Vivemos em um mundo em que as relações pessoais e profissionais são, mais do que nunca, virtuais. O uso de *e-mails*, *Whatsapp*, *Messenger*, *chats*, listas de discussões, *Twitter*, entre outras ferramentas de comunicação escrita, está em constante expansão, em alguns momentos coocorrendo com a comunicação oral face-a-face e, em outros, substituindo-a.

Com tudo isso, nós, educadores, deparamo-nos com uma tarefa que nos parece, por vezes, inexecutável: a educação de nossos alunos, a preparação de nossos filhos e filhas para um mundo onde as mudanças acontecem em ritmos cada vez mais acelerados e acelerantes, numa montanha-russa sem fim de dados, fatos, informações, imagens, sons, odores, sensações e impressões multidimensionais que interagem *com* e *entre* nós como um intrincado labirinto hipertextual.

Porém, por mais complexa que possa ser a interação entre estudantes, educadores e as novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC), é uma relação que tem de ser trabalhada de modo bastante criterioso, sob pena de reforçarmos ainda mais os mecanismos de exclusão social vigentes.

O uso das novas tecnologias em sala de aula permite a esse novo aluno se tornar mais ativo, não mais um mero espectador do conteúdo transmitido, tornando-se peça importante na construção dos enunciados, coautor de conteúdos.

Segundo Kenski (2005), não podemos nos esquecer de que, para que os professores consigam aproveitar ao máximo o potencial das novas tecnologias na educação, devem mudar a postura autoritária, que entende o aluno como mero receptor de conteúdo:

São muitas as mídias utilizadas em atividades educativas. Assim como cada modalidade de ensino requer o tratamento diferenciado do mesmo conteúdo – de acordo com os alunos, os objetivos a serem alcançados, o espaço e tempo disponível para a sua realização – cada um dos suportes midiáticos tem cuidados e formas de tratamento específicas que, ao serem utilizados, alteram a maneira como se dá e como se faz a educação. (p. 2)

É importante salientar, ainda, que o uso das novas tecnologias não exclui as outras mídias, surgidas antes da internet, conforme Burlamaqui (2009), que trata do ensino a distância, mas cujo comentário também se aplica ao presencial:

Com o avanço tecnológico, muitos tipos de mídias vêm sendo utilizados no processo de ensino-aprendizagem à distância. Podemos dizer, grosso modo, que as mídias correspondem aos meios tecnológicos utilizados como veículos de informações nas relações estabelecidas entre o educando, o educador e o conhecimento no processo educacional, podendo ser tradicionais, como a mídia impressa, mas também, modernas, como as tecnologias de informação e comunicação surgidas a partir da era do computador, com suas ferramentas. Em geral, as mídias possibilitam a transmissão de mensagens de forma textual, auditiva ou visual. (p. 3)

A atuação do professor se faz indispensável neste momento, em que a mídia é calcada em novas tecnologias, difundindo cada vez mais o imagético, a comunicação rápida. Essa utilização simultânea de linguagem verbal e não verbal na mídia é o que mais tem atraído os jovens no mundo atual, obrigando nós, professores, a nos munirmos de estratégias que fujam da mera exposição oral de conteúdos.

A respeito da mudança de postura necessária na educação, Valente (2011), alerta:

Parte das mudanças aconteceu graças à introdução da tecnologia; no entanto, essa tecnologia não foi utilizada simplesmente para automatizar velhos processos. Foi necessário alterar estruturas e procedimentos, de modo que ela pudesse efetivamente trazer contribuições significativas. O mesmo não acontece com as mudanças que ocorreram na escola. No caso das TIC, em geral, elas são um apêndice do que acontece na sala de aula tradicional. As atividades em sala continuam praticamente as mesmas, e os laboratórios de computadores, quando usados, não são integrados aos assuntos curriculares desenvolvidos em sala de aula. (p. 4)

Com intenções prioritariamente didáticas, este capítulo está organizado da seguinte forma: inicialmente, trataremos do advento das novas tecnologias na educação, trazendo esclarecimentos sobre os objetos de aprendizagem: definições e concepções sobre o material que vem sendo desenvolvido para dinamizar as aulas e os repositórios já existentes; em seguida, mostraremos como estudiosos veem a necessidade de uma nova postura em sala de aula no que diz respeito à construção do conhecimento, indicando caminhos simples, mas efetivos para se alcançar uma “educação midiática”; por fim, traremos as considerações finais do trabalho.

## **1. O USO DAS NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO**

Integrar mídias. Ideia interessante e muito discutida em ambientes pedagógicos atualmente. Mas, será que sabemos realmente como fazê-lo? Muitas vezes, professores não têm nem mesmo a noção do que seriam as mídias. Mídias não são só novas tecnologias – DVD, computador, *datashow* –, como muitos pensam. A utilização do bom e velho quadro de giz também é a exploração de uma mídia. Mas será que o uso de uma mídia como essa é eficiente nos dias de hoje?

TIC é a sigla de "Tecnologia da Informação e Comunicação". A principal ideia desse conceito é a integração de diversos recursos tecnológicos com um fim específico. No caso da educação, vemos cada vez mais um incentivo para que computadores e *tablets* sejam utilizados em sala de aula, para que as aulas se tornem, segundo os governantes, "mais atrativas aos alunos".

Se compararmos, por exemplo, como funcionava a divulgação de uma notícia por meio da mídia há alguns anos com a divulgação de hoje em dia, percebemos uma grande diferença. Para ser veiculada, era necessário certo tempo até que ela fosse verificada pelos jornais, programas de TV ou rádio, editada e publicada; ou seja, havia um extenso lapso temporal entre o momento em que o fato se consumava até seu conhecimento público. Além disso, a possibilidade de manipulação por meio da mídia era muito maior.

Hoje em dia, as TIC aceleraram enormemente esse processo, fazendo com que a transmissão das informações seja feita quase em tempo real. Aparelhos de celular com câmera fotográfica, gravador de áudio e vídeo e acesso à internet transferiram o poder antes exclusivo das mídias ao cidadão comum, que, por meio dessa tecnologia, pode socializar novas informações sem qualquer intervenção da grande mídia.

O especialista no uso das tecnologias na educação, José Armando Valente aborda a desatualização dos livros didáticos nos dias de hoje, em que a informação é renovada tão rapidamente. Em 2012, foi gravado um vídeo de uma entrevista concedida a mim e a outro membro da SME de Duque de Caxias, José Eustáquio Cauper, na ocasião de uma visita ao município, para um evento organizado por aquela Prefeitura. Criamos as perguntas com vistas ao desenvolvimento do curso *Linguagens e tecnologia*, de minha autoria, oferecido aos profissionais de educação do mesmo município<sup>1</sup>.

Na opinião de Valente (2012), o surgimento de outras mídias não extinguirá os livros, mas mudará seu papel no dia-a-dia não só da escola, mas das nossas casas, trabalho etc. Em alguns momentos, será mais fácil consultarmos materiais virtuais; em outros, o livro

---

<sup>1</sup> Para assistir ao vídeo, acesse <http://www.youtube.com/watch?v=-JHYVUXEOCU>

impresso ainda será necessário, seja por praticidade ou por ligação de afeto entre o leitor e seu objeto de estudo.

[...]

## **2 A NECESSIDADE DE UMA NOVA POSTURA DOCENTE: COMO ALCANÇAR UMA “EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA”?**

Por conta dessa velocidade de informações, muitos materiais utilizados por nós, professores, em sala de aula, tornaram-se desatualizados. Se percebemos que um jornal impresso, que é um veículo de comunicação diário, já traz notícias desatualizadas (por conta da velocidade da internet), imaginemos o que acontece com os livros didáticos... Seu uso único e exclusivo pode trazer sérios prejuízos aos alunos. Muitas das informações nele contidas podem e devem ser complementadas e atualizadas pelos professores.

Sem dúvida, as TIC tornam evidente a necessidade de mudança de postura do professor. Porém, o simples uso das novas tecnologias em sala de aula garante ao professor uma postura moderna, diferente daquela tradicional e autoritária de outrora? Obviamente, não. Mesmo antes do uso de computadores e outros recursos tecnológicos em sala de aula, as teorias construtivistas já estimulavam os professores a atuarem como mediadores do conhecimento. Alguns aceitam essa mudança; outros, não; ou seja, a postura do docente independe do material que o cerca.

Como exemplo, pensemos na seguinte situação: um aluno, por meio de trechos retirados da internet, pode ser convidado a investigar as características de fala e de escrita contidas na linguagem utilizada na internet. Por que há essa mescla? Quais as intenções de seus usuários? Por que, por exemplo, há textos na internet em que utilizamos abreviaturas e outros em que não as utilizamos?

Outra ideia seria pedir que fossem investigados trechos retirados do *Twitter* pelos alunos. Aproveitando a popularidade do *microblog*, podemos desenvolver diversas questões textuais, como: qual a consequência da limitação de caracteres para a criação do texto da mensagem? Como a criatividade dos internautas faz com que textos sejam inteligíveis mesmo contendo diversas abreviaturas?

Dessa forma, a aula de língua portuguesa, que poderia ser mais um momento de atuação passiva dos alunos, torna-se uma grande oportunidade para a troca, para a descoberta de possibilidades por parte dos próprios estudantes.

Esse exemplo de atividade mostra uma mudança de postura tanto do professor, que está aberto a construir a aula juntamente a seus alunos; quanto dos próprios estudantes, que, em vez de receber conteúdo passivamente, passam a ser atores do processo, investigando, construindo conteúdo. Aqui, o papel da tecnologia está em facilitar a busca e a disponibilização de todo o material: o mostrado pelo professor e o construído pelos alunos.

Como já foi exposto, a tecnologia, por si, não garante uma boa aula. Obviamente, existem excelentes professores que conseguem prender a atenção de seus alunos com a boa e velha aula tradicional, apenas com explicações orais. Além disso, a mudança de postura, como vimos, é o mais importante quando falamos em uma educação mais dinâmica.

Uma característica da internet que acabou influenciando decisivamente a mudança de postura também desse novo aluno é a possibilidade de se tornar ativo, não mais um mero espectador do conteúdo transmitido, tornando-se peça importante na construção dos enunciados. Há provedores de acesso à internet, por exemplo, que permitem aos usuários que assistam a qualquer programa de uma emissora, a qualquer hora, de qualquer lugar. Essa independência do usuário sobre o meio de comunicação provocou, e ainda vem provocando, uma grande revolução nas relações interpessoais, que acabam influenciando inevitavelmente o comportamento na escola.

Não podemos negar que, hoje, é cada vez mais difícil prender a atenção dos jovens imersos em imagens, sons, vídeos apenas com esse tipo de exposição em sala. Os alunos querem produzir, participar, construindo seu próprio conhecimento.

Para nós, professores, importa pensar na interatividade como possibilidade de construir novos conceitos ao lado de outros professores e alunos. Alguns poderiam argumentar, dizendo que desde sempre a aula fora interativa, já que os professores sempre perguntavam algo e os alunos respondiam. Porém, tal interatividade era (e ainda é) totalmente controlada, dadas as poucas opções aos alunos de participarem ativamente da aula. Hoje, por meio da internet e de várias outras estratégias em sala, o aluno pode sentir-se verdadeiramente ativo, coautor de conteúdos. Marco Silva (2003), já em 2003, alertava sobre a necessidade de uma maior interação em sala de aula.

O professor que busca interatividade com seus alunos propõe o conhecimento, não o transmite. Em sala de aula ele é mais que instrutor, treinador, parceiro, conselheiro, guia, facilitador, colaborador. Ele é formulador de problemas, provocador de situações, arquiteto de percursos, mobilizador das inteligências múltiplas e coletivas na experiência do conhecimento. Ele disponibiliza estados potenciais do conhecimento de modo que o aluno experimente a criação do conhecimento quando participe, interfira, modifique. Por sua vez, o aluno deixa o lugar da recepção passiva de onde ouve, olha, copia e presta contas para se envolver com a proposição do professor. (sem paginação)

[...]

[...]

## **6 CAMINHOS POSSÍVEIS**

Tendo em vista que a troca de experiências entre alunos > professores > alunos é um dos pontos mais importantes na educação moderna, proponho as seguintes ações, que buscam alcançar uma melhor formação para ambos os lados, equipe docente e discente. Na verdade, essas ações põem todos em um só lado, eliminando ultrapassadas visões de que o professor deve estar inatingível, em um púlpito que o coloca numa posição diferenciada, superior.

Como nós, professores, dispomos de pouco tempo para buscarmos cursos de formação continuada, por que não encontrar soluções dentro de nossa própria escola ou universidade, onde, geralmente, temos alguns horários vagos? Vejamos as propostas:

### **6.1 Palestras de professores**

Como o corpo docente de nossas instituições de ensino é formado por professores com diferentes formações, todos bastante qualificados, propomos a organização de palestras frequentes, a serem promovidas pelos próprios profissionais da escola. Esses encontros têm como meta atualizar todo o local sobre as ações desenvolvidas com os alunos, bem como proporcionar debates, que trarão novas ideias pedagógicas, de forma inter e intradisciplinar.

Tais palestras poderiam ser organizadas:

- por disciplina;
- por área do conhecimento;
- por interesse dos profissionais.

A frequência dos encontros e seus horários seriam definidos pela equipe diretiva da instituição, a partir da disponibilidade dos professores.

### **6.2 Cursos organizados pelos alunos**

Uma ideia ousada, mas que tem enormes chances de alcançar sucesso é a organização de minicursos de informática pelos alunos, a serem oferecidos aos professores. Como a maioria de nossos jovens tem uma grande habilidade no trato com a informática, podemos (e devemos) saber explorá-la, de forma positiva, para que traga vantagens para ambos os lados. Seguindo a proposta de parceria entre corpo docente e discente, propomos que tal organização seja feita da seguinte maneira:

**1º passo:** A equipe diretiva detecta, por meio de pesquisa entre seu corpo docente, quais as maiores dificuldades no trato com a informática: enviar e-mail; criar documentos no *Word*, apresentações no *PowerPoint*, planilhas no *Excel*; buscar informações utilizando as ferramentas de busca etc.

**2º passo:** De posse do resultado da pesquisa anterior, a equipe docente busca, entre os alunos de suas turmas, aqueles que são qualificados para orientarem seus professores nos respectivos cursos;

**3º passo:** Os alunos selecionados criam e organizam, com o auxílio de professores, um plano de curso a ser implantado;

Após essas etapas, os alunos ministrariam seus cursos, em horários disponíveis, na sala de informática. Seria organizada uma planilha com os horários dos cursos disponíveis, para que cada professor interessado pudesse se inscrever e ter acesso ao precioso auxílio do aluno.

Nesse caso, qualquer aluno poderia contribuir, já que o principal pré-requisito é ter o conhecimento na ferramenta que se dispuser a ensinar. Juntamente com a monitoria orientada, essa ação trará uma noção de responsabilidade ao aluno, mostrando que ele é parte importante da instituição e pode contribuir com o crescimento da mesma.

Essas são apenas algumas ideias para melhorar o dia-a-dia nas escolas e a integração com as mídias. Tais propostas não são devaneios impossíveis de serem realizados. Muito pelo contrário. São ações práticas, fáceis de serem implementadas, que buscam a evolução da unidade de ensino, o crescimento do corpo docente e discente, transformando toda a escola em um organismo vivo, que debate suas atividades, cria novas estratégias, busca soluções.

## **7 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste capítulo, procuramos deixar clara a importância da inserção das novas tecnologias no cotidiano das instituições de ensino e das nossas vidas. Lidar com a

parafernália tecnológica deixou de ser uma opção, uma atividade acessória, e passou a ser uma necessidade, ainda mais para nós, professores, responsáveis pela formação de nossos alunos, em sua maioria, tão acostumados com o mundo multimidiático.

A criação de diversos repositórios de OA se mostra um grande avanço na educação pública brasileira, pois alia qualidade de conteúdo com exploração nos novos recursos disponíveis.

Por tudo que aqui foi mostrado, não podemos, de forma alguma, ignorar o avanço das tecnologias e manter uma postura conservadora e autoritária em sala de aula. O aluno, cada vez mais, sente a necessidade de interagir de forma mais ativa com o professor e com os conteúdos por ele expostos. A criação e reaproveitamento de OA é uma estratégia simples e eficiente, se respeitadas as características que trazem qualidade a uma ferramenta tecnológica.

Seja por falta de conhecimento dos professores, que, em alguns momentos, têm medo de a tecnologia os substituir; ou por puro conservadorismo, a sala de aula tradicional “barra” o trabalho com novas formas de se expressar importantes, como as que surgem com as novas mídias.

Além deste, outros estudos virão, a fim de entender o funcionamento das tecnologias na educação e aprimorá-las, de modo que sejam exploradas da forma mais adequada, sempre com o foco no ser humano e nas suas relações interpessoais.

Desejamos que diversas ações sejam desenvolvidas por órgãos de ensino de nosso país, para trazer as tecnologias ao convívio de nossos alunos e professores. Não existem mais paredes nas salas de aula, pois não há mais barreiras espaciais nem temporais para o conhecimento. Com corpo docente e discente bem formado, mudando suas posturas retrógradas e passivas, temos todas as condições de inserirmos nossos jovens nesse admirável (e tecnológico) mundo novo.

## REFERÊNCIAS

BURLAMAQUI, Marco G. B. **Análise da utilização de mídias na educação a distância**. 2009. Disponível em: <http://www.calameo.com/books/000103547c10d1e8ebfda>. Acesso em 30 out. 2016.

KENSKI, V. **Gestão e uso das mídias em projetos de educação a distância**. 2005. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/download/3099/2042>. Acesso em 30 out. 2016.

LEFFA, Vilson J. **Nem tudo que balança cai**: objetos de aprendizagem no ensino de línguas. *Polifonia*. Cuiabá, v. 12, n. 2, p. 15-45, 2006.



SILVA, Marco. Educação na cibercultura: o desafio comunicacional do professor presencial e on-line. **Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 12, n. 20, p. 261-271, jul./dez. 2003.

VALENTE, J. A. As tecnologias e a verdadeira inovação. **Revista Pátio**, n.56, nov. 2010, jan. 2011. Disponível em: <http://docslide.com.br/documents/as-tecnologias-e-a-verdadeira-inovacao.html>. Acesso em 30 out. 2016.

\_\_\_\_\_. **Curso Linguagens e tecnologia**. Duque de Caxias, 15 mar. 2012. Entrevista a Tiago da Silva Ribeiro e José Eustáquio Cauper. Disponível em: <http://www.youtube.com/user/neadctics?feature=plcp>. Acesso em 30 out. 2016.